

# **SOCIEDADE DO CONHECIMENTO, TRABALHO E EDUCAÇÃO: NOTAS CRÍTICAS**

**Ana Thyara Leal Lemos**

Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará

**Rebeca Baia Sindeaux**

Especialista em Gestão Escolar.

**Thiago Alves Moreira Nascimento**

Mestre em Educação Brasileira (UFC)

**Resumo:** Em face da centralidade do conhecimento ancoram-se os princípios que pressupõe o surgimento de uma nova sociedade. Haja vista a supervalorização da educação e das tecnologias constitui-se como fatores indispensáveis na estratégia capitalista de superação da crise. O presente artigo pretende analisar em linhas gerais a então propagada Sociedade do Conhecimento no contexto contemporâneo capitalista, bem como refletir sobre os aspectos ideológicos na tentativa de compreender as personificações de reprodução e reestruturação do capital, a partir das relações entre trabalho e educação, na forma de delinear as transformações da educação ligada à cultura digital aliadas a esse novo discurso de exploração. Nossa pesquisa é de cunho bibliográfico e documental e apóia-se principalmente nos estudos Ivo Tonet e Newton Duarte, na perspectiva de desvelar criticamente essas novas proposições e as relações ideológicas nelas embutidas. Para alcançarmos tal objetivo, nosso trabalho parte do entendimento do conceito de Sociedade do Conhecimento, da criação dos paradigmas educacionais ao processo de adaptação aos imperativos empresariais a qual se atrelam as novas tecnologias para a proposição de uma prática pedagógica, no qual lhes é negado o acesso ao conhecimento construído pela humanidade, fator esse inerente para a instituição do homem como ser social e para a proposta de uma educação que intui uma formação para emancipação humana.

**Palavras-chave:** Capitalismo, sociedade contemporânea, educação, ideologia.

As crescentes mudanças econômicas, políticas e sociais que acontecem na nossa sociedade nos mostram, de forma sensível, a que passo caminha o futuro da humanidade. Abalada por mais uma das crises do sistema econômico do capital, que, diferentemente das crises cíclicas de outrora, é de caráter estrutural, pois agora ameaça

de forma irreversível não só os níveis altíssimos de lucro, mas atinge também o próprio limiar da humanidade. Haja vista, paralelo a esse contexto, temos presenciado o apogeu das inovações tecnológicas que tem alcançado precedentes que antes nos pareciam inalcançáveis. Uma enorme quantidade diária de informações que produzimos, na qual não temos tempo nem de se quer acompanhar, ou seja, a dinâmica de uma dita Sociedade do Conhecimento que estaríamos vivenciando na contemporaneidade.

Essa Sociedade do Conhecimento se insere fortemente na cultura mundializada, tendo em vista a centralidade da informação de uma nova sociedade, na qual é abandonado o trabalho como foco central para se trazer a cena esse novo campo da comunicação, da informação e das novas tecnologias. Em seus princípios encontram-se as ilusões de uma sociedade moderna e informatizada, onde o conhecimento é considerado fator preponderante para a própria sociabilidade no contexto contemporâneo, já que agora o mesmo seria, inclusive, fator produtivo, dentre outros.

É inerente ressaltar que todo esse aparato corrobora fielmente com a legitimação de um sistema econômico que busca a todo custo sobressair-se e manter seu poder nessa dinâmica de transformações pela qual o capitalismo atravessa.

Dessa forma, antes tudo, entender a sociedade capitalista, suas implicações, idéias e princípios pressupõem nos compreender as bases ontológicas da própria humanidade, e para tal entendemos em Marx o trabalho como atividade fundante do homem como ser social. A partir dos elementos oferecidos pela natureza, o homem se aprimora ao transformá-los para suprir suas próprias necessidades. Essa capacidade de transformar a natureza intencionalmente diferencia o homem de qualquer outro animal e o afirma de vez como raça principal desse planeta, por vez que a satisfação de suas primeiras necessidades corrobora sempre em outros anseios, novas necessidades, que definirão outro trabalho, num processo *ad infinitum* que vivemos cotidianamente.

É ainda por meio do trabalho que o homem pode aprimorar suas capacidades intelectuais, pois o ato do trabalho lhe possibilita modificar a si próprio e a uma aquisição de novos conceitos sobre o ambiente que o cerca. Dessa forma que, no trabalho pode se encontrar todos os elementos indispensáveis a produção da existência humana.

Nesse sentido que a apropriação de todos os indivíduos das objetivações e de todos os conhecimentos gerados pela humanidade é circunstância indispensável para a formação do homem como ser social e humano. De modo que assimilamos como Saviani (1996) a concepção de trabalho educativo, no qual sugere a devida intencionalidade de reproduzir por meio de um processo educativo em cada indivíduo o conjunto de conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade. Contudo, para Tonet (2006), dentre outros autores, o trabalho não é o princípio educativo. A educação é um dos desdobramentos que o trabalho enquanto ontogênese do ser humano produz, assim como a linguagem, e que colaboram no seu desenvolvimento e reprodução. Mas a afirmação de Saviani serve para mostrar a importância da educação para o ser social, já que a humanidade não nasce com o homem, ela é transmitida.

Estaria, portanto mais que afirmado qual seria o objeto da educação na formação humana, assim dentro da sociabilidade maior que é o trabalho, a educação se porta como a mediação entre o homem e a sociedade.

É neste momento que descobrimos a natureza e a função social da educação. Cabe a ela, aqui conceituada num sentido extremamente amplo, a tarefa de permitir aos indivíduos a apropriação dos conhecimentos, habilidades e valores necessários para se tornarem membros do gênero humano. (TONET, 2006. p.7)

Na cultura básica na qual estava ancorada a sociedade no período do comunismo primitivo, educava-se por meio do trabalho, quase não havia divisão dessas categorias, um acontecia a medida que se executava o outro, no qual estava envolvido a participação de toda comunidade, no entanto, a precariedade dos meios de produção dava-se também o pouco desenvolvimento das capacidades intelectuais dos indivíduos.

A evolução na divisão do trabalho e a conseqüente divisão da sociedade em classe transforma radicalmente esses processos. A ascensão de uma classe ao privilégio do ócio e do poder findou-se na fundação das escolas; a necessidade de manter sobre o domínio as forças produtivas e o conhecimento produzido determinou a particularização e a diferenciação da educação, dada para a classe dominante e detentora dos bens materiais e espirituais e para a classe trabalhadora a educação apenas no trabalho.

Observamos, entretanto, ainda nas afirmações de Tonet (2006), que mesmo dado o trabalho como categoria imprescindível, houve sempre o privilégio pelos aspectos intelectuais e da formação humana. O desprestígio dado a trabalho esta

presente mesmo na sociabilidade capitalista que tem a centralidade do trabalho na produção das riquezas e do capital, mas a importância é dada, especificamente nessa sociedade, no trabalho abstrato, ou seja, na formação espiritual do indivíduo.

A contextualização de todo esse processo histórico do homem e, por conseguinte da educação, é importante porque nos subsidia para que possamos compreender de forma plena como se manifesta na atualidade o fenômeno da exploração e da ideologia posta pelo capitalismo na educação. A ascensão definitiva da propriedade privada e do capital fez com que aumentasse ainda mais o antagonismo entre as classes sociais.

É preciso ter claro que a educação compõe-se como mecanismo essencial na reprodução do capital e para o controle ideológico dos interesses da classe dominante. A instauração de uma educação dualista é imprescindível para que a burguesia continue no poder, assim o acesso a uma educação de qualidade, pertence apenas para aqueles que dominam, a burguesia, enquanto que para classe dominada apenas o suficiente para que operem com presteza a tecnologia das fabricas, para que continuem sempre classe explorada.

Ora, oferecer a todos os indivíduos uma formação emancipada, que possibilitasse o conhecimento crítico de todas as relações sociais atreladas ao sistema seria um risco à revolução da classe operaria por seu direito nos bens materiais produzidos. Tão logo ciente desse principio, eis que ao chegar ao poder imediatamente a burguesia tratou de estabelecer um novo modelo educacional que tão só propagasse os seus interesses. Em Saviani (2009) podemos ver que a mudança de interesses da classe burguesa necessitou da substituição da pedagogia tradicional pela escolanovista, ou de uma pedagogia revolucionária por uma reacionária. Nada impede, ou pelo menos não consegue impedir, a reorientação da proposta pedagógica afinada aos interesses econômicos da classe hegemônica – ainda a burguesia.

Com o desenvolvimento do capitalismo, as crises cada vez mais severas traçam as mudanças sociais e os novos caminhos mercadológicos de investimento a serem seguidos. De forma que instaurada a crise destrutiva do capital e tendo em vista atender seus anseios de lucro, a educação agora toma corpos do papel de redentora da sociedade. É vista nessa categoria ainda as possibilidades mercadológicas, ou seja, o

que antes lhe servia apenas para reprodução ideológica, ressurgiu agora como fonte de riqueza, na forma de mercantilização da educação.

Todo esse aparato torna-se ainda mais evidente desde 1990, com a ocorrida Conferência Todos Pela Educação de Qualidade para Todos em Jomtiem, Tailândia. Sob o ideário de estruturar uma nova educação, trazendo para o campo educacional novos paradigmas e competências pautadas principalmente a esfera psicopedagógicas.

Dentre os muitos procedimentos a serem seguidos pelos países em desenvolvimento, todo receituário converteu-se em quatro pilares para educação, que são eles, aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser.

Tais pilares defendidos pela ONU cumprem efetivamente como um modelo em que as instituições devam preparar o indivíduo que acompanhe a rapidez posta pelo rápido avanço tecnológico. As pedagogias do aprender a aprender juntamente com o construtivismo e o movimento escolanovista trazem para escola/educação a tentativa de despolitizar o ensino e principalmente o de oferecer as massas uma educação minimalista do conhecimento base construído pela humanidade. Uma proposta que mobiliza o aluno a criatividade e autonomia para a construção do seu próprio conhecimento. Ou seja, a centralidade do aluno faz do professor apenas como mediador na concepção de uma educação ativa e espontânea.

Encontramos nas discussões feitas pelo professor Duarte (2008) os posicionamentos com os quais concordamos sobre as pedagogias do aprender a aprender no qual ele se refere de modo a desvelar os ideais fundamentais de tal concepção. Assim em dada perspectiva a finalidade é contribuir com o desenvolvimento das capacidades adaptativas do aluno. Para isso é importante que o aluno possa aprender por si só e por meio de suas experiências, bem como que o próprio método de como aprender é mais importante que o conhecimento adquirido, de modo que a educação se apresente de modo funcional a criança e que sua formação lhe ofereça a capacidade de transformação assim como prescinde a sociedade.

De fato como já havia observado Saviani (2009), a perspectiva do escolanovismo e/ou construtivismo, vistas como a pedagogia da essência de fazer do ensino pesquisa caía na falácia da ideologia, porque não possibilitava que o aluno se apropriar do conhecimento essencial produzido pelo conjunto da humanidade e que nem

ultrapassasse a linha da pesquisa científica para a descoberta do novo, caracterizando-a assim como mais uma dos ideais pedagógicos que aprisionam ainda mais a classe operária em classe em si.

Conforme o desenvolvimento desses paradigmas para a educação, a Sociedade do Conhecimento se torna o mecanismo indispensável que justifica esse movimento de agudização da educação. Com o ressaltar da Sociedade do Conhecimento o capital encontrou o seu estado de paraíso, pois descobre nesse aparato ideológico uma forma eficaz de mascarar a realidade da exploração do trabalho ao mesmo tempo em que enfraquece a crítica radical para a superação do sistema. Um terceiro ponto importantíssimo a se ressaltar é que a Sociedade do Conhecimento alimenta o mercado da educação, já que as pessoas precisariam – agora mais do que nunca – consumir a mercadoria educação, dada a dinâmica da informação e seus reflexos na sociabilidade contemporânea.

Não negamos que o final do século XX e início do século XXI, assinala a crise estrutural do capital, e por assim dizer uma nova fase do capitalismo, todavia, todos esses fatores não parecem que se esteja vivendo em uma nova sociabilidade; a centralidade no trabalho, na exploração do homem e na repressão ideológica continua fortemente no bojo dessa nova fase do capital, sendo de imediato a criação de novos paradigmas que componha um aparato para mascarar e propagar toda a ideologia além de tentar se reestruturar e assim encobrir as contradições entre trabalho e capitalismo. Reportamos a Duarte que confirma nosso pensamento,

Reconheço, e não poderia deixar de fazê-lo, que o capitalismo do final do século XX e início do século XXI passa por mudanças e que podemos sim considerar que estejamos vivendo uma nova fase do capitalismo. Mas isso não significa que a essência da sociedade capitalista tenha se alterado e que estejamos vivendo uma sociedade radicalmente nova, que pudesse ser chamada de sociedade do conhecimento. A assim chamada sociedade do conhecimento é uma ideologia produzida pelo capitalismo. (...) (DUARTE; 2008, p.13)

A demarcação desse período sugere-nos ainda análise do contexto e dos fatos que favorece a eminência desse novo conceito de sociedade, com a falência do modelo fordista de produção, a queda da taxa de lucros assinala-se o processo de necessidade de reestruturação do mercado mundial em vias do campo político ideológico. O fim da Segunda Guerra Mundial e logo a Guerra Fria, tão logo anunciam

o palco provável para que a informação entre no cenário com o novo estratagema de unificar e de ampliar a rede mercadológica.

Dado a superação da era industrial e a utilização de instrumentos tecnológicos cada vez mais sofisticados nas indústrias, a capacidade de super produzir com o auxílio de menos trabalhadores, transformam esse desenvolvimento das forças produtivas no lócus discursivo da classe dominante que deseja colocar-se agora como a força produtiva da sociedade, ou seja, não seria mais os trabalhadores responsáveis pela reprodução social. Tal classe encontra-se concentrada agora no setor de serviços, ou chamado terceiro setor. Tão logo assim, estaríamos saindo da centralidade do trabalho, ou da ordem capitalista industrial, para entramos na centralidade do conhecimento.

Mediante fato do alargamento do setor terciário, ou setor de serviços, Bell conjectura essa transformação da sociedade, pois, para ele, a passagem para a sociedade pós-industrial caracteriza-se principalmente porque a importância maior não está mais centralizada na produção manufatureira, mas no seu transporte e distribuição, essa característica marca uma nova relação social organizada agora em decorrência do conhecimento, que para tal, vincula-se a necessidade de uma qualificação para as novas funções e para as novas tecnologias, fator inseparável para o erguer-se da Sociedade do Conhecimento.

Uma sociedade pós-industrial tem como base os serviços. Assim sendo, trata-se de um jogo entre pessoas. O que conta não é a força muscular, ou a energia, e sim a informação. A personalidade central é a do profissional, preparado por sua educação e por seu treinamento para fornecer os tipos de habilidades que vão sendo cada vez mais exigidos numa sociedade pós-industrial. Se a sociedade industrial se define pela quantidade de bens que caracterizam um padrão de vida, a sociedade pós-industrial defini-se pela qualidade da existência avaliada de acordo com os serviços e o conforto – saúde, educação, lazer e artes – agora considerados desejáveis e possíveis para todos. (Bell, 1973, p. 148 apud Barbosa, 2008. p.41)

Pautada nessas novas relações é que assim estaria determinado o fim das classes sociais e suas contradições, estaríamos nos encaminhando para a superação dos antagonismos e da sociedade do trabalho. Perspectivas estas, totalmente inexistentes nos moldes econômicos pautados no capital. Embora haja esse alargamento do terceiro setor, não é significativa de que tenhamos nos distanciado do trabalho como propriedade fundante de todas as relações sociais.

Faz-se importante recuperar a idéia de que não é possível dissociar os fenômenos do trabalho e da exploração que aparecem como dois componentes inerentes da realidade capitalista. Cabe-nos perceber que é impossível a humanização do capital e que jamais estaríamos em uma nova sociabilidade ancorada no conhecimento, mas que este é apenas mais uma das formas, perfeitamente arquitetada para camuflar a crise e as diferenças sociais cada vez maiores.

É fato que toda essa estruturação faz-se indispensável e amplamente cabível as pretensões do capital em relação à educação, se de fato, como dizem estamos numa sociedade do conhecimento, a educação toma seu status máximo de poder e importância na sociedade, seja esse um campo adaptativo que favoreça esse novo momento do capital. Acoplado a esse contexto insurge as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC - como recurso elementar que sustenta o discurso dessa sociabilidade.

A ilustração maior da Sociedade do Conhecimento persiste em afirmar que o conhecimento esta acessível de maneira democrática a todos, principalmente pela internet. Há nessa justificativa a necessidade das tecnologias da informação, pois elas se constituem como fator de difusão, ou seja, como instrumento privilegiado de inserção na base da informação.

É necessário rever que as TICS entram no contexto educacional como elo perfeito para as novas competências para a educação. O pensar educação dentro dessa perspectiva de utilização se faz necessário porque nesses moldes o aluno seria o protagonista do seu processo de ensino e aprendizagem, a prática de manusear o computador, de ter facilmente a internet acessível, e onde o professor seria como mediador ou assistente do conhecimento ali exposto, compõe-se tudo precisamente de acordo com os pilares educacionais já expostos anteriormente. É importante lembrar que essa forma de relacionamento entre professor e aluno, e destes com o processo educativo, remetem ao tipo de relacionamento inaugurado pelo movimento escolanovista. Tal movimento, como os contemporaneamente definidos por Newton Duarte como Pedagogias do Aprender a aprender, caracteriza-se pela importância maior dada ao processo de aquisição do conhecimento, ou seja, aos processos cognitivos, do que propriamente aos conhecimentos historicamente construídos. Assim, torna-se mais importante ao aluno, enquanto centro configurador do processo educativo, que seja apto a buscar os conhecimentos que lhes são necessário por conta própria, secundarizando o



próprio conhecimento. O retorno às premissas escolanovista por parte das pedagogias do aprender a aprender agora encontram como pano de fundo justamente essa sociedade do conhecimento, que, como já mencionado, vai reafirmar o papel de mediador do professor.

Dentro dessa visão em que o professor sai de cena como aquele que ensina e deve acatar essas novas transformações como um desafio de reestruturar a educação para que não sejam mais dadas respostas prontas, mas que o ensino incite as crianças a buscar por si próprio o seu conhecimento, não lhe é mais necessário aprender todo o conhecimento já construído, mas apenas o que lhe é importante para se qualificar para a sociedade, de uma nova forma, espera-se que o aluno aprenda a pensar por si, a criticar, no entanto, lhe é tirado a premissa base para tais habilidades.

É por via das novas tecnologias, que agora o conhecimento não está mais em um só lugar, estamos interligados mundialmente pela internet, podemos acessá-la de qualquer lugar e a qualquer momento, de casa ou de outro espaço você poderia estudar, criando assim *novos espaços de conhecimento*. Encontramos nas palavras de Gadotti, a perspectiva que se almeja dentro desse novo contexto,

(...) Esses espaços de formação tem tudo para permitir maior democratização da informação e do conhecimento, portanto, menos distorção e menos manipulação, menos controle e mais liberdade. É uma questão de tempo, de políticas públicas adequadas e de iniciativa da sociedade. A tecnologia não basta. É preciso a participação mais intensa e organizada da sociedade. O acesso a informação não é apenas um direito. É um direito fundamental, um direito primário, o primeiro de todos os direitos, pois sem ele não se tem acesso aos outros direitos. (GADOTTI, 2000, p. 8)

Todavia, dominar as técnicas do computador, ou simplesmente ter acesso a internet, fonte de conhecimento supostamente acessível a todos, constituem-se como um dos obstáculos que inviabilizam tal pretensão. Embora afirmado que a Sociedade do Conhecimento teria superado a divisão de classes, é nítido que algo que ainda está longe de se superar é desigualdade social. Não é novidade pensar que enquanto poucos são aqueles que dominam conhecimentos básicos e muitos aqueles no qual não foram atendidas nem suas necessidades mais básicas, como alimentação, moradia ou saneamento básico. Sim, saber que tem o direito, saber quais são, parece mais importante que realmente o tê-lo.

Aprofundando um pouco o papel ideológico da sociedade do conhecimento, na verdade, encontramos um cenário que justamente desloca o conhecimento a um segundo plano. Dessa forma, nem a função específica da escola, que no corrente tempo acaba sendo tudo, menos escola, no sentido de transmitir os conhecimentos historicamente acumulados, é efetuado. Esse contexto educacional, além de tudo, atinge principalmente a classe trabalhadora, que tem na escola, muitas vezes, a sua única fonte de conhecimento elaborado. O reflexo disso é o aumento da distância da educação fornecida às elites em comparação à educação concedida à classe trabalhadora, conferindo um controle muito mais efetivo das classes subalternas, já que as mesmas não conseguem sequer enxergar-se enquanto classe devido a não conseguir atingir um patamar efetivo de mobilização popular.

Assim crescem cada vez mais as políticas com pretensão de transformar a escola nesse pacote global de tecnologias, como instituição central do conhecimento. É inconcebível que a escola não seja o lócus central de todo esse aparato. Ora, sendo a educação a via chave de dominação e a escola como campo de propagação da ideologia dominante. O conhecimento aí exposto e como na internet passa pela escolha daqueles que dominam; como não ser manipulada?

Portanto, cabe nos concluir que diante dos novos rumos para onde se segue a educação, para qual dizem seguir a sociedade, diante análise, é imprescindível afirmar que em mais uma crise, mais uma vez o capitalismo usa abusivamente de todas as possibilidades que lhe são viáveis para sua reestruturação. De fato, como já afirmado, ainda estamos centralizados no trabalho, esse aspecto fundante, é ainda o que rege todas as outras relações sociais.

Nada obstante acreditamos que esse modismo educacional mesmo tendo em seu bojo uma carga ideológica reprodutivista, ainda é possível podemos aliar a educação aos aspectos importantes e indispensáveis para a contemporaneidade vistos na Tecnologia da Informação e pensar uma prática na perspectiva da emancipação humana.

## Referências

BARBOSA, F. G. *SOCIEDADE DO CONHECIMENTO: um novo paradigma em favor da velha ordem*. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado em educação) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2001.

DUARTE, Newton. *Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões? : quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação*. I. ed., I. reimpressão – Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

SAVIANI; Dermeval. *Escola e democracia*. 41. Ed. Revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia Histórico-Crítica*. Primeiras Aproximações. Campinas: Autores Associados, 1996.

TONET; I. *Educação e Formação Humana*. Disponível em: [http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/EDUCACAO\\_E\\_FORMACAO\\_HUMANA.pdf](http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/EDUCACAO_E_FORMACAO_HUMANA.pdf). Acesso em 19 Abril de 2012.